

Para banqueiro, política comercial ajuda o País

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O Brasil tem condições de resolver seus problemas econômicos e, conseqüentemente, os relacionados à dívida externa, porque vem melhorando a sua relação de trocas com os seus parceiros comerciais. A opinião é do diretor adjunto do Chase Banco Lar, Carlos Manuel Pelaez, para quem o País pode entrar na "sua trajetória ideal de crescimento e progresso por tempo indeterminado".

Segundo explicou, o crescimento econômico razoável em 1984 e 1985, com a melhora das relações de trocas e equilíbrio do balanço de pagamento "sugere que as condições de transferência de capital ou serviço da dívida externa não são desfavoráveis para o Brasil".

Ao falar para o Conselho de Desenvolvimento Econômico da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Pelaez disse que a forma como o Brasil vem desenvolvendo seu comércio exterior é bastante acertada, tanto assim que os ganhos de preço da exportação sobre o da importação (relação de trocas) possibilitaram a formação de um saldo na balança comercial que permite o pagamento do serviço da dívida externa.

Após ressaltar que houve uma melhora de 10,9% na relação de trocas brasileira do ano passado, o diretor do Chase Banco Lar afirmou que se ela piorasse o País não poderia registrar níveis de crescimento econômico como os de 4,5% em 1984 e provavelmente 7% em 1985.

SUPERÁVIT

Para Pelaez, "isso mostra que as condições mais críticas relacionadas com o serviço da dívida externa brasileira já passaram em dois anos, com um superávit na balança comercial de US\$ 13 bilhões em 1984 e outros com valor quase igual para 1985 e 1986, ao mesmo tempo em que o Brasil continuou crescendo economicamente, estabilizando o processo inflacionário e reduzindo suas taxas domésticas de juros".

Acrescentou que os anos piores para o ajuste da economia brasileira foram no período de 1981/83, pois a situação começou a mudar a partir do ano passado. Mesmo assim, ressaltou que faltam na economia do Brasil pequenos ajustes internos, pois a comunidade financeira internacional espera que o País tenha novamente uma inflação anual de 20% e juros reais menores, que permitam à rentabilidade dos projetos de investimentos compensar a taxa de empréstimo.

Na sua opinião, um maior êxito no combate à inflação aliado à queda dos juros melhoraria, consideravelmente, a taxa de desemprego no País, e o desenvolvimento econômico tornar-se-ia completamente viável. Esse ajuste na parte interna, segundo ressaltou, dará ao Brasil maior liberdade para poder enfrentar os problemas econômicos externos, com destaque especial para o tratamento da dívida junto aos credores internacionais e ao Fundo Monetário Internacional.